

Desafio é conseguir a mesma adesão do projeto 1

por William Salazar
de São Paulo

Arrebanhar cerca de 800 bancos para o novo "jumbo-loan" de US\$ 6,5 bilhões ao Brasil é o "grande desafio" que os principais bancos do mundo terão de enfrentar na renegociação da dívida externa do País. A final, no empréstimo-jumbo do ano passado (o projeto 1, cujo contrato foi assinado em fevereiro) participaram apenas 176 instituições — mais exatamente, 163, se forem descontadas as subsidiárias de vários bancos.

No projeto 1 entraram 30 bancos americanos, contribuindo com US\$ 1,512 bilhão; 24 japoneses, com US\$ 727,1 milhões; 13 britânicos, com US\$ 583,7 milhões; seis canadenses, com US\$ 422,2 milhões; 11 franceses; com US\$ 340,2 milhões; 11 alemães, com US\$ 314 a US\$ 315 milhões; oito da Bélgica, Holanda e Luxemburgo (Benelux), com 187,8 milhões; quatro da Suíça, com 121,7 milhões; três do Oriente Médio, com 66,1 milhões; quatro da Escandinávia, com 31,7 milhões; e outros oito de vários países, com US\$ 82 milhões.

Os bancos alemães, diz o representante de um deles,

deverão exigir que todas as instituições com "exposure" (posição) no Brasil contribuam. Porém estão cientes de que "os de porte médio não têm motivo algum para entrar no novo jumbo. Então, devem participar os mesmos 11 do projeto 1".

Convencer bancos que não participaram do projeto 1 a participar do novo empréstimo-jumbo é o que um banqueiro americano com assento no comitê assessor considera "o grande desafio". Raciocina que as instituições que não participaram antes, quando a situação era — ou, pelo menos parecia — melhor, encontram hoje muitos motivos para aplicar seu dinheiro, quando a situação é claramente bem mais complicada. Um exemplo: dos bancos italianos, apenas três participaram do projeto 1. Os demais se limitaram a fazer operações de crédito comercial. E até dois meses atrás, segundo o representante de uma instituição italiana, ainda financiavam exportações e importações brasileiras aos países ocidentais e ao Japão; hoje, só querem financiar operações relativas ao intercâmbio bilateral Brasil — Itália. "É uma tendência dos europeus", assinalou essa fonte.